

Um grande Poeta Vila-Realense
Manuel Duarte de Almeida
António Canavarro de Valladares

Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real



12



Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *Um grande Poeta Vila-Realense: Manuel Duarte de Almeida*
Autor: António Canavarro de Valladares
Artigo publicado originalmente em catorze números do jornal *Ordem Nova*, Vila Real,
entre 23 de Junho e 20 de Outubro de 1963

Cadernos Culturais, IV série, n.º 12
Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**
gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt
Vila Real, 16 de Março de 2014
Tiragem: 300 exemplares
Manteve-se a ortografia original do texto, salvo em casos de lapso ou gralha evidentes
Depósito Legal: 370 876/14
ISBN: 978-989-8653-10-9
Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

Um grande Poeta Vila-Realense
Manuel Duarte de Almeida
António Canavarro de Valladares



12

As povoações, como os indivíduos, têm os seus títulos de nobreza, quer militar, quer política, quer social, quer científica, artística, literária ou moral.

Na verdade um guerreiro, marinheiro ou notável descobridor; um estadista ilustre ou um grande benemérito; um sábio destacado ou um pintor, arquitecto ou escultor de nomeada; um poeta ou um prosador de altíssima inspiração ou de grande e sugestivo poder descritivo e evocativo; finalmente, um santo, ou até somente um justo, cuja viva fé religiosa ou o evidente valor da sua mensagem cristã, sirvam de exemplo, de escopo e de modelo para o comum dos mortais: — constituem valioso, indispensável e utilíssimo património colectivo, cuja edificante lição urge lembrar e perpetuar, não só para memória da geração presente, como também para ensinamento dos «*vindouros de audiente*», para empregar uma algo esquecida expressão sepultada em amarelecidos códices...

Ora a cidade de Vila Real, no decurso de quasi sete séculos de história, tem-se constantemente enobrecido e espiritualmente enriquecido mercê do esforço multiforme e benemérito de muitos dos seus ilustres filhos.

Mas a verdade é que, pelo menos a vida e feitos d'alguns deles, se encontram totalmente mergulhados na poeira dos arquivos ou das bibliotecas públicas e particulares; sendo os seus nomes e notáveis esforços pouco menos do que desconhecidos do grande público vila-realense, tanto do que se manteve fixado no seu próprio solar, como do que se derramou pelos largos espaços metropolitanos e ultramarinos dos mundos português e brasileiro.

Está inteiramente incluído nesta categoria o grande e altíssimo poeta contemporâneo que se chamou Manuel Duarte de Almeida, certamente o maior e de mais inspirado estro de que Vila Real até à data foi berço.

Ora Manuel Duarte, nasceu em Vila Real de Trás-os-Montes a 28 de Setembro de 1844, sendo filho de António José Duarte e de D. Antónia Emilia Guedes.

Contudo o pároco que o baptizou, ao lavrar o respectivo assento, consignou por lapso que o futuro poeta nascera a 1 de Outubro seguinte, dia em que na verdade foi feito cristão.

É pelo menos o que consta do respectivo artigo biográfico inserto no discurso [sic] «*Portugal*».¹

Ora como o volume da citada obra, que o encerra, foi publicado uma década antes da morte do poeta, é natural que a informação assinalada seja autêntica e porventura até colhida junto do próprio biografado.

Camilo conheceu-o durante a sua primeira meninice, bem como a seu irmão mais velho Custódio José Duarte, na própria terra natal que lhes era berço, sentados no colo de sua mãe, uma gentilíssima senhora vila-realense, conforme o genial escritor evocou ao abrir o segundo volume do seu «*Cancioneiro Alegre*», com um artigo introdutório de uma das poesias devidas à pura e límpida musa de Manuel Duarte de Almeida, funebremente intitulada: «*Súplica de Um Enterrado*».

Mas, estou em crer que é preferível trasladar para aqui o evocador apontamento que ficámos devendo à apurada sensibilidade romantica e aos primores literários, do génio de Seide. Diz ele assim: — *Tem notavel originalidade. É triste, mas não se queixa da fortuna com o desabrimento dos infelizes zangados. Dirige-se a Jupiter com sorriso socrático. Tem o*

¹ Vol. I, pags. 274 e 275, por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues. Ed. de João Romano Torres, Lisboa, 1904.

stoicismo de um pagão e a physionomia angelicamente serena de um fatalista. Conheço-lhe um sorriso bom e ingenuo como o dos seus poemas. Lembro-me de o ter visto criança no collo de sua mãe, uma senhora formosa, de brilhantes olhos, elevada estatura, com um perfil inolvidavel.

Cabiam dois meninos no mesmo regaço. O outro era Custodio Duarte, também poeta, aquelle de quem Guilherme Braga escreveu:

*Custodio, alguém que sonha e pensa todo o dia
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lirio do val,
Aos raios do luar, aos raios do ideal;*

*Que busca a inspiração no longinquo e no vago,
Que toma quasi sempre a attitude de um mago
Perguntando o caminho às estrellas do céu,
E tem para cantar um modo todo seu.²*

Depois Camilo deixa-se dominar pela amarga melancolia das suas recordações, para acrescentar doridamente. «*Não sei como no meu espirito e na minha saudade de annos tão remotos, combino os primores plasticos da mãe e a florescência ideal dos filhos. Ella morreu no vigor da idade; mas ha o que quer que seja de sobrevivencia della na deliciosa melancolia das trovas de Duarte de Almeida.*

A «*Suplica de um enterrado*» è um gracejo com duas lágrimas a derivarem nas faces e a tremeluzirem no lábio que sorri. O gracejo encanta, a gente ri tambem, mas depois se pensa suspeita que o poeta chorava.

² *Cancioneiro Alegre*, 3.^a Ed., Vol. II, pags. 5 e 6, Livraria Chardron, de Lelo e Simão, Lda., Porto, 1925.

“*Cest qu'on pleure en riant*”, diz A. de Musset.»³

A transcrição foi longa, mas nós não podíamos encontrar mais autorizada opinião para justificar o nosso inicial asserto, do que a do grande romancista, tão ligado a Vila Real pelo sangue paterno e por muitas recordações da sua atormentada juventude, entre as quais esta, tão curiosa e de inestimável valor para o esboço biográfico de Manuel Duarte de Almeida.

Cabem agora ainda aqui mais alguns periodos esclarecedores acerca doutro inspirado poeta vila-realense, irmão primogénito do nosso biografado, cujo nome e a rápida imagem infantil e literária perpassa na recordação camiliana e nos versos de Guilherme Braga, que o romancista transcreveu: — Custódio José Duarte.

Tinha ele nascido em Vila Real a 16 de Junho de 1841 e formara-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1865, tendo defendido e publicado nesse mesmo ano a sua tese de formatura, intitulada: «*Responsabilidade Médico-Cirúrgica*».

No decurso da sua vida académica colaborou em diversos jornais literários da época, nomeadamente em «*A Grinalda*», aonde também publicaram as suas produções poéticas os vates, estudantes como ele, Guilherme Braga, Alexandre da Conceição; mais tarde violento antagonista de Camilo numa polémica famosa; Pedro Lima e muitos outros.

Após a sua formatura em medicina, foi despachado para Angola, aonde exerceu os elevados cargos de chefe dos Serviços de Saúde e de secretário geral da província.

Transitou depois para o arquipélago de Cabo Verde, aonde desempenhou as destacadas funções de presidente da camara municipal de S. Vicente, e, tanto numa como noutra província ultramarina, prestou relevantes serviços durante diferentes

³ *Cancioneiro Alegre*, 3.^a Ed., Vol. II, pags. 5 e 6, Livraria Chardron, de Lelo e Simão, Lda., Porto, 1925.

epidemias de varíola, de febre amarela e de cólera, sendo condecorado por tais méritos e zeloso procedimento.

Contudo nem a circunstância de se encontrar com o Atlântico de permeio e, por isso, plenamente apartado dos centros literários da metrópole, lhe fez delir o vezo de escrever, sestro que lhe ficara da sua juventude académica portuense.

Ocupou assim os seus ócios cabo-verdianos a compôr em prosa uma «*História de Cabo-Verde*» e uma «*Notícia Histórica dos Creoulos em Cabo-Verde*», trabalhos estes que ficaram inéditos e certamente se perderam após a sua morte, como veremos.

Por outro lado, no seu desterro africano, continental ou insular, nunca deixou também de continuar cultivando a sua inspiradora musa, compondo assim muitas poesias que ficaram totalmente inéditas.

Na verdade, tendo falecido na cidade de S. Vicente de Cabo Verde, a 19 de Setembro de 1893, pediu à hora da morte para que todos os seus escritos, que se encontravam encerrados num cofre, fossem lançados ao mar, em local por ele designado.

Ora como esta sua última vontade, foi plenamente satisfeita pelo executor deste seu bizarro e romântico testamento verbal, não pode hõje a cidade de Vila Real orgulhar-se de ter sido berço de mais um inspirado poeta, a não ser quanto aos seus limitados e dispersos poemas da juventude; tendo por isso, neste caso, de se contentar somente com o valioso espólio métrico legado pelo seu irmão cadete, Manuel Duarte de Almeida.

Acrescentaremos ainda que quando Camilo publicou em 1879 o seu «*Cancioneiro Alegre*», já este último poeta vila-realense era um homem de trinta e cinco anos, embora não fõsse ainda um consagrado, visto que o aparecimento de quasi todas as suas aliás breves obras poéticas, é cronologicamente posterior àquela data, como veremos.

Por agóra e por hóje, interessa-nos apenas transcrever a poesia «*Suplica de um Enterrado*»⁴, a que Camilo alude na sua tão curiosa e perfeita nótula biográfica e critica.

Tem ela, quanto a nós, um ligeiro senão, que é o de ferir uma nota um pouco anticlerical e agnóstica, aliás muito em voga em certo e vasto sector literário português da época.

SUPLICA DE UM ENTERRADO

Do fundo da sepultura.
Onde, *morto, inda* padeço.
Oiço aquelles que aborreço,
E os que indiferentes me são:
Passa o burguez domingueiro
E diz à nedia burgueza:
«Este aqui — ninguem lhe reza,
Deixou fama de maçã.»

E a burgueza ri contente
Como quem, sobre o jantar,
Vem os mortos visitar
Por amor... da digestão;
Depois um capitalista
Chega e diz: «Misero poeta!
Segundo li na gazeta,
Não passou de um pobretão.»

Um piedoso salafrario,
Da Intolerancia fautor,
Leva a ponto o seu rancor

⁴ — Ibid., pags. 7 a 10.

De meus restos insultar.
Não pode mais o cobarde!
Se pudesse arrancaria
Meu corpo da terra fria,
Para às feras o arrojar!

É que eu tive um grande crime:
É que eu fui – perdoe-me o céu!
Um filosofo, um atheu,
Aos olhos desse infeliz...
—Mas, ah! respiro! Afastou-se
A hyena sacerdotal...
Absolve-o, Pae celestial!
Que elle... não sabe o que diz.

Oiço as risadas sonoras
Das crianças irrequietas
Correndo, quaes borboletas,
Em turbilhão num jardim;
Demoram-se um curto instante
A desfolhar malmequeres
Mas depressa outros prazeres
As chamam longe de mim.

As velhas passam grolando
As camáldulas polidas
E vão mastigando as vidas
Alheias co'a devoção;
E eu estremeço na cova
Ao rojar dessas dementes
Que deixam como as serpentes
A sua baba no chão.

Uma gentil costureira
A quem o amante trahiu,
Assim que o meu nome viu,
Já tarde se arrependeu...
E, sobre a campa curvada,
Com voz plangente murmura:
«...Foi-se a mais bella figura
Por quem meu peito bateu!»

Um grupo de brasileiros,
Estropiados e poltrões,
Falam alto de *questões*
De escravos e de cafés;
E um melancolico poeta,
D'uma escola que eu detesto,
Vae recitando mesto
Umas copeas em francez.

Um estudante pragueja
E classifica de infame
O lente que n'um exame
O seu R. lhe *retirou*;
E um pedante impertigado
Vai impingindo a um basbaque
A sciencia de almanak
Que ha tres dias decorou.

Falta uma voz no concerto,
Neste concerto banal...
Embalde escuto, — indo mal!
Ai! nada o echo me diz!
Nunca mais te ouvi, pequena!
Discutindo sabiamente

O figurino recente,
Importado de Paris.

Só faltas tu, doce amada!
Não vem essa linda mão,
De meu pobre coração
Tirar agudos punhais;
Sobre a relva que me encobre
Não roças os teus vestidos,
São debalde os meus gemidos,
Ninguém attende os meus ais.

Oh! Se em meu peito a saudade
Algum poder inda tem,
Em meu corpo, filha! vem...
Anatomia fazer.
Não te amedrontem fantasmas
Vem, ao clarão do luar,
Meu coração arrancar
Para que eu possa *morrer!*

Manuel Duarte de Almeida

Completados em Vila Real os seus preparatórios escolares, seguiu Manuel Duarte para o Porto, aonde seu irmão cursava medicina.

Aí, «*frequentou com distinção os estudos superiores, não tendo continuado a carreira científica a que se destinava, por motivos de character puramente particular. Completou o curso de pharmacia, que nunca exerceu*»⁵

Em 1864, um ano antes do termo da formatura de seu irmão

⁵ Dicionário *Portugal*, Ed. de João Romano Torres, Lisboa, 1904, vol. I, pag. 274.

Custódio Duarte, sabemos nós que ainda era estudante da academia portuense, visto que no livro «*Figuras do Passado*», da autoria dum distintíssimo magistrado, que o publicou sob o pseudónimo de «*Pedro Eurico*»,⁶ se pode ler o seguinte, escrito a propósito do movimento académico coimbrão contra o 1.º duque de Loulé, então presidente do Conselho de Ministros, movimento de que Antero de Quental foi a figura culminante:

«Quando, em 1864, arrastados pela sua palavra, por ocasião da «Rolinada», fomos em exodo para o Porto, viveu lá sempre rodeado dos mais distintos estudantes portuenses.

Alexandre da Conceição, Custódio Duarte e Manuel Duarte de Almeida viam-se sempre juncto d'elle.

Então conheci de vista, os dois primeiros, dos quaes depois fui amigo.

Os irmãos, Custódio Duarte e Manuel Duarte, sequestraram-no, levando-o e a António de Azevedo Castello Branco, que estavam hospedados na «Hospedaria do Estanislau», na Batalha, para a casa em que viviam.»⁷

Cumpre ainda esclarecer que o estudante em causa era o já então prestigioso e eminente Antero Tarquinio de Quental, que depois se celebrou como altíssimo e genial poeta; e que o nome de «*Rolinada*», atribuído a esta rebelião académica da Lusa-Atenas, derivara de um dos apelidos do nobre duque, o qual se chamava D. Nuno José Severo de Mendóça Rolin de Moura Barreto. Temos portanto que Manuel Duarte de Almeida e mais dois estudantes vila-realenses; seu irmão Custódio Duarte e o académico coimbrão António de Azevedo Castello Branco, sobrinho de Camilo e dilecto camarada do autor das «*Primaveras Românticas*», naquela cidade universitária; foram os anfitriões e os companheiros de Antero, durante o seu voluntario exílio

⁶ Composto e impresso na Typografia Editora de José Basto, Rua da Alegria, 100-Lisboa, 1915. O pseudónimo encobre o nome do dr. Pinto Osório.

⁷ Obr. cit., pag. 84.

portuense de começos de Maio de 1864, vai para um século. Mas prossigamos. Abandonados os estudos superiores e obtido o diploma de farmaceutico, entrou Manuel Duarte na vida profissional, seguindo a carreira de funcionário dos correios, ocupando no Porto os destacados cargos de primeiro oficial e de chefe de secção; e recusando-se até, a certa altura; a quando da reforma dos correios e telegrafos efectuada por Saraiva de Carvalho, a aceder ao convite que este lhe formulara, para fazer parte do conselho classificador; e a aceitar, em Lisboa, um lugar de chefe de repartição, na direcção geral, com a faculdade de escolher o departamento dos serviços que mais lhe agradasse.

O motivo fundamental desta recusa, foi apenas o deliberado desejo de não se querer afastar do norte do país, preferindo, por isso, continuar no Porto, na modesta situação burocrática que usufruía; a fim de manter o convívio com os seus amigos e camaradas das letras e não abandonar o meio social e literário em que formara o seu espírito e educára a sua fina sensibilidade.

Assim, dalgum modo, Manuel Duarte de Almeida, nado e criado em Vila Real de Trás-os-Montes, ficou até certo ponto um escritor portuense, embóra de temas universais e só muito raramente regionalistas.

Ali, no burgo tripeiro, se estreára na poesia, colaborando no jornal literário académico intitulado «*A Grinalda*», e passando mais tarde a colaborar ocasionalmente em «*O Primeiro de Janeiro*». Publicou igualmente composições poéticas da sua autoria noutros periódicos literários, como «*A Folha*», «*Renascença*», «*Evolução*», «*Cenaculo*», «*Harpa*», «*República das Letras*», «*Ilustração Trasmontana*», e porventura em alguns mais, que não pudémos averiguar.

Dentre todos eles, merece referênciã especial a sua colaboração na gazeta literária académica coimbrã denominada «*A Folha*», a qual se publicou, algo irregularmente, durante um quinquénio, de 1868 a 1873; e de que o poeta João Penha

foi simultâneamente a alma e a energia impulsionadora. Subintitulava-se «*Microcosmos Litterário*», e foi o órgão dos parnasianos, nele colaborando, a par de João Penha e de Manuel Duarte de Almeida, muitos outros jovens escritores da época, que depois marcaram ns letras pátrias, como Candido de Figueiredo, José Simões Dias, Guilherme Braga, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, J. Frederico Laranjo, Gonçalves Crespo, Alberto Pimentel, Sousa Viterbo, Alexandre da Conceição, Antero de Quental e alguns mais, hõje desconhecidos, bem como ainda duas poetisas, Victória Coelho; a certa altura designada por «*nossa gentil colaboradora de Portalegre*»; e Maria Angélica de Andrade.

Mas, dizíamos nós, que a colaboração de Manuel Duarte de Almeida em «*A Folha*», merece referência especial; sendo o motivo e a razão de tal asserto o facto de ter sido nas suas páginas que o seu emotivo lirismo romântico, se disciplinou e enquadrou no cânon parnasiano do culto da beleza plástica da forma, tornando assim as suas composições poéticas, pequenas mas verdadeiras obras primas, não só de pura e lírica inspiração, como também de impecável e de harmoniosa cadência rítmica.

Assim foi na realidade; e ainda há pouco, no pequeno mas denso estudo intitulado «*O Sentido Lirico em Manuel Duarte de Almeida*», o crítico literário Sr. Antõnio de Oliveira Coelho, o assinalou: — baseando-se aliás nas afirmações feitas há três décadas pelo Doutor Ricardo Jorge, no prefácio ou introdução que este eminente poligrafo escreveu para a colectânea póstuma de composições literárias do poeta, que fez publicar sob o título genérico de «*Terra e Azul*».

Vale portanto bem a pena transcrever a afirmação fundamental do critico Sr. Oliveira Coelho, a qual proclama que: «*Na verdade, a poesia de Duarte de Almeida pode-se filiar no parnaso quando analizada sob o angulo da escolaridade, visto que o lirico, como tantos do seu tempo e época, possui o culto exagerado da perfeição, o sentido artístico do verso e a preocupação exacta*

da palavra, atributos que, no entanto, devido à sensibilidade do poeta, nunca lhe cercearam a emoção que lhe fluía carregada de sentimentalismo. O parnasiano português, exceptuando duas ou três individualidades que perfilharam a referida temática num rigorismo quase absoluto, procurou sempre dar à poesia, independentemente da beleza marmórea do verso, a profunda emotividade e, por isso, o lirismo de Manuel Duarte de Almeida vibra na dor que o consome»⁸

Pois foi exactamente a esta profunda emotividade lírica que Manuel Duarte de Almeida deveu todos, ou quase todos os seus magníficos triunfos poéticos.

Assim, em 1878, publicou um pequeno folheto de quatro páginas, contendo harmoniosas e belas estrofes, o qual era dedicado «*Ao Centro Artístico Portuense*» e foi distribuído no decurso duma festa consagrada à referida associação e posteriormente reproduzido em numerosos jornais da época.

Onze anos depois, a 3 de Abril de 1889, na sessão solene da Sociedade de Instrução do Porto, consagrada ao príncipe navegador, recitou em honra daquela egrégia figura histórica portuguesa e ecuménica, as suas famosas «*Estancias ao Infante D. Henrique*», pequeno mas belo trabalho poético que veio a lume na cidade invicta, nesse mesmo ano, em primorosa edição, acompanhada das lisongeiras apreciações da imprensa nacional, tanto portuense como lisboeta.

Nessa noite de merecida apoteose literária, prestou-lhe a numerosa e selecta assistência a esse memorável sarau, calorosa e justa ovação, consagradora da sua inspirada e patriótica musa.

Ainda nesse mesmo ano de 1889, por ocasião do falecimento de el-rei D. Luís, publicou, também no Porto, nova e bela composição poética intitulada: «*Ramo de Lilazes. Para depor no athaude de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Luiz I.*»

⁸ “Das Artes – Das Letras”, de *O Primeiro de Janeiro*, de 9-V-1962.

Diz o dicionário «*Portugal*», aonde colhemos alguns destes informes, que : «*E' uma nobre e sentidissima elegia, dedicada a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia. A capa abrange uma primorosa composição, magistralmente desenhada pelo distincto professor Torquato Pinheiro, e reproduzida em chromo. Toda a imprensa se ocupa d'esta admiravel elegia, que constitue um dos triumphos do autor.*»⁹

No ano seguinte, 1890, outra composição poética; tambem editada no Porto, suscitada pela sua emoção perante o brutal ultrage britânico do Ultimato e interpretando o sentir e o pensar colectivos, saiu calorosa e indignamente da sua pena magistral: «*Vae Victoribus. Anathema à Inglaterra.*»

Outros poemas foram igualmente surgindo; como esse primoroso poemeto bizarramente denominado «*Elegia pantheista a uma mosca morta*»; e um outro intitulado «*Romance incompleto*»; ou a colecção de poesias de vários géneros, a que o poeta inspiradamente chamou «*Terra e Azul*», distico este de que muito mais tarde, em 1933, o Doutor Ricardo Jorge, se havia de socorrer para titular a sua vasta colectânea postuma dos inspirados e melodiosos versos de Manuel Duarte de Almeida; e que englobaria, alem da primitiva «*Terra e Azul*», as «*Estancias ao Infante D. Henrique*», a «*Elegia panteísta a uma mosca morta*», o «*Ramo de Lilazes*», o «*Vae Victoribus!*» e «*Beijos Perdidos*», alem doutras produções poéticas, já publicadas e dispersas por jornais e revistas, ou encontradas no espólio literário do notabilíssimo poeta vila-realense.

Diz-nos o illustre critico que foi Albino Forjaz de Sampaio, que nesta verdadeira antologia poética de Manuel Duarte de Almeida; para mais singularmente enriquecida com uma notável introdução da autoria de Ricardo Jorge, intitulada «*Manuel Duarte e a sua obra*»: — «*A musa do poeta prepassa em todo o*

⁹ Obr. cit., vol. I, pag. 274.

*seu fulgor»*¹⁰

Mal cuidaria o douto médico e polígrafo tripeiro, que hõje, passadas três décadas após a sua publicação, a antologia poética de Manuel Duarte de Almeida; que reunira e comentara apenas levado por meros sentimentos de admiração e de saudosa amizade; constituiria uma raridade bibliográfica, pelo menos, tão grande como os anteriores folhetos e pequenos volumes de poesias, que o poeta publicou em vida; a tal ponto que não há alfarrabista que a anuncie nos seus numerosos catálogos, ha já muitos anos a esta parte!

Parece-nos portanto oportuno e útil, a bem da cultura portuguesa, do bairrismo vila-realense e também dos velhos pergaminhos literários da cidade do Corgo, que no próximo ano, 1964; data em que se cumpre um cinquentenário da morte de Manuel Duarte de Almeida; qualquer das três entidades; Camara Municipal, Junta do Distrito, ou Comissão de Turismo: — promova a reedição de «*Terra e Azul*» possivelmente aumentada com algumas produções do poeta que certamente não foram incluídas na colectânea organizada por Ricardo Jorge.

E não ficaria igualmente no lugar próprio, um singelo busto de Manuel Duarte de Almeida, nesse pequeno mas lindíssimo Jardim da Carreira, verdadeiro fórum do romantismo vila-realense, aonde indubitavelmente a delicada sensibilidade do poeta tantas vezes devia ter sonhado com a corporisação da sua harmoniosa e bela mensagem literária e artística?

A sugestão aqui fica, apenas como modesto testemunho do muito apreço que simultâneamente me merecem o esplendor intelectual da urbe e a valorização da hoje quasi ignorada obra de um alto vate português contemporâneo, nado e criado na risonha e alegre capital trasmontana.

¹⁰ In: *História da Literatura Portuguesa: Ilustrada: dos Séculos XIX e XX*, ed. da Livraria Fernando Machado, Porto, 1942, pag. 207.

E, como breve mas admirável fecho deste nosso segundo e monótono arrazoado, vamos transcrever uma pequena mas deliciosa poesia de Manuel Duarte de Almeida, a qual encerra como que a síntese do seu singélo e apagado viver:

*Amou. Sofreu.
Crente ou ateu,
A terra o cobre
E cobre-se o céu.*
Só pretendeu
Ser justo e nobre.
Aos pobres deu.
Pobre morreu
E viveu pobre.¹¹*

Muito perto do dealbar do nosso século, ignoramos a data certa, deslocou-se o nosso poeta do seu amado burgo tripeiro para a urbe alfacinha.

Todavia, julgamos que tal mudança de domicílio se teria ainda verificado no decurso da décima nona centúria, pois o seu poema «*Frei Vasco-Flor de Sebo*»; que aliás não aparece englobado na colectânea póstuma, piedosamente organizada por Ricardo Jorge; já foi editado em Lisboa e ostenta a data de 1899.

Ao período lisboeta da sua actividade literária, deve também pertencer igualmente uma tarefa altamente lisongeira para o seu valor poético, a qual foi a da revisão dos versos dum grande vate lírico; facto este que demonstra à saciedade, como opina o dicionário «*Portugal*», que: «*A sua reputação é das mais brilhantes e sólidas da geração contemporânea; João de Deus confiou-lhe absolutamente a revisão dos seus versos;*

* Em *Terra e Azul* lê-se “E cobre-o o céu”.

¹¹ *Hist. da Lit. Port.: Ilust.: dos Séc. XIX e XX*, por Albino Forjaz de Sampaio, pag. 207.

e o volume das «Folhas soltas» é em parte, e a instancias dos editores, colleccionado por Manuel Duarte de Almeida, a quem o autor solicitara a coordenação das matérias. A propósito, publicou uma carta notavel, defendendo triumphantemente João de Deus na accusação de plagiato que lhe fizeram, da «Melopéa de Dorotheia» do Snr. conselheiro Couto Monteiro.»

Feito sócio correspondente da Academia Real das Sciencias, Manuel Duarte de Almeida, veio em 1908 em saudosa romagem à sua província natal, passando uma temporada de veraneio no Vidago, na residencia de seu sobrinho, o conhecido e distinto médico hidrologista dr. António de Azeredo Antas.

Ficaram memorando essa estadia duas poesias publicadas na «*Ilustração Trasmontana*», sendo a primeira datada de 24 e a segunda de 28 de Agosto desse ano; e ambas ilustradas com magníficos desenhos, cuja autoria vem explicitamente declarada, quanto ao inicial, como sendo de Christiano de Carvalho, que me parece igualmente ter sido o autor do segundo, assinado por forma algo enigmática, com um simples e breve c curvo ou latino.

Vale a pena transcrevê-las a ambas, não só por se tratar de duas magníficas produções poéticas, como tambem por que as duas tratam de aspectos da regio do Vidago; e não são vulgares as poesias deste poeta de raiz trasmontana, suscitadas por temas da sua provincia natal.

Escutemos por isso a primeira, um formoso soneto inspirado num pormenor da paisagem regional e intitulada:

CEU TRASMONTANO

Ceu de Vidago, ceu de trasmontanos!
Incomparável ceu, que me nutriste
De esplendores nocturnos a alma triste
E a fizeste inimiga de tyrannos...

Cortido já, de amargos desenganos,
Grave, descrito como um velho antiste,
Ó ceu da minha terra! Aqui me viste,
Aqui me vês, no derruir dos annos.

Nestas silentes noites de Vidago
Pude encontrar-te, ainda, o encanto vago,
O confidente olhar dos teus luzeiros...

Bebo sôfrego, a luz que tu me envias,
E, no berço dos meus primeiros dias,
Dormira bem meus dias derradeiros...

Singular e interessantíssima composição poética que, duma maneira eloquente e por forma magnífica, documenta com inteira fraqueza o dilecto amor à sua provincia de origem, que Manuel Duarte de Almeida; apesar de afastado a maior parte da sua vida por longes terras; sempre contudo voltou às ásperas serranias, aos desassombrados planaltos e aos vales profundos de Aquem Marão!

A segunda poesia, como que completa a primeira, porque se naquêla Manuel Duarte de Almeida exalta deslumbrado o grandioso cenário natural que a Deus aprouve outorgar-lhe; nesta, é o factor humano, representado pelo tipico folclore regional, que exalta a apurada sensibilidade do poeta e o faz louvar e bendizer a humilde e ignorada cantadeira, que assim espalha seus verdadeiros ou imaginários males, dedilhando-os:

A VIOLA

Cantadeira de Vidago,
Moça do campo ou da aldeia,
Nos ouvidos levo o affago
Do teu cantar de sereia...

Ha quem diga que andas suja
E até quem te chame feia,
Mas digam lá se ha quem fuja
Ao teu cantar de sereia...

Eu por mim não me arrenceio
De dizer, à bôca cheia,
Que escuto, meu doce enleio,
O teu cantar de sereia?

Á noite — por sobre o valle
Quando passa a lua cheia —
Onde ha musica que eguale
O teu cantar de sereia.

Como vem morrer na praia
A vaga que o vento alteia,
No meu ouvido desmaia
A tua voz de sereia.

E julgo ouvir, do passado,
Como em vaga melopeia,
Um echo extincto, acordado
No teu cantar de sereia...

Oh, cantadeira sem arte,
Mas de sentimento cheia!
Hei de ouvir por toda a parte
A tua voz de sereia...

Esta voz que exprime tudo
Quanto o coração aneia,
Voz que é doiro e de velludo,
O teu cantar de sereia. . .

Assim deixou o poeta perpetuada no tempo aquéla sua talvez derradeira e amorosa estadia em Trás-os-Montes, de que, se não fôra as duas admiráveis poesias que acabámos de transcrever, não haveria mais noticia, pelo menos para estranhos ao seu meio familiar, como nós.

No ano seguinte, 1909, publicou Manuel Duarte de Almeida, também em Lisboa, mais um pequeno volume de poesias, intitulado «*Beijos Perdidos*», o qual, ao que sabemos, parece ter sido o seu último trabalho de conjunto, publicado em vida.

Mas, data apenas de 1910, a sua verdadeira e mais celebrada obra prima, esse seu tão belo e modelar soneto denominado «*Aromatografia*», o qual foi publicado a 1 de Março desse já referido ano na revista «*Brasil-Portugal*».¹²

Dentro de pouco tempo, tão famosa e admirável poesia, passou a figurar em todas as antologias e colectâneas de sonetos.

Assim, em 1918, Nuno Catharino Cardoso, reproduziu-o nos seus «*Sonetistas Portugueses e Luso Brasileiros*»,¹³ dizendo ser «*considerado como um dos bons da lingua portuguesa*»;¹⁴ e, em 1924, Albino Forjaz de Sampaio, no folheto intitulado «*Os Eternos*

¹² N° 267, pag. 43.

¹³ Lisboa, tip do Annuario Comercial, Ed. do Autor, 1918 pag. 111.

¹⁴ Ibid., pag. 111.

Sonetos de Portugal»¹⁵ igualmente o estampou, acompanhado da seguinte expressiva e esclarecedora notula: «Foi um poeta magnífico a quem Camilo consagrou o seu louvor. Autor de vários opúsculos em verso como as «Estancias ao Infante D. Henrique», «Vae Victoribus», «Elegia pantheista a uma mosca morta», «Ramo de lilazes», etc. não nos deixou infelizmente um grande livro»¹⁶

E o incessante coro de louvores a tão celebrada e famosa produção poética, vai-se acumulando com o rodar do tempo e carreando novos e valiosos testemunhos.

Assim, Ricardo Jorge, ao publicar em 1933, como introdução à antologia «*Terra e Azul*» o seu estudo já referido, intitulado «*Manuel Duarte e a sua obra*», classifica-o de: «soneto sem par em qualquer literatura, único exemplar entre nós da transposição dos elementos sensoriais na feitura de arte». E diz mais longe: «*A Aromatografia*», fina flor de antologia, pertence ao numero dos versos afortunados que se fixam para sempre na memória de quem uma vez os leu, tornando o poeta imorredouro».¹⁷

E Albino Forjaz de Sampaio; de cujo interessante e elucidativo estudo de síntese acabamos de respigar estas últimas citações do aliás já mencionado prefácio do Doutor Ricardo Jorge: — contá-nos ainda o seguinte e saboroso episódio, claramente revelador do alto conceito em que muitos espíritos esclarecidos tinham e têm esta produção de Manuel Duarte de Almeida: «*Bernardino Machado, quando Manuel Duarte estava com ele em Lisboa, ao apresentá-lo a pessoas ilustradas, dizia: “Para que saibam quem é o homem, basta ouvirem isto” e recitava-lhes o soneto*»¹⁸

¹⁵ Nº 9 da «Coleção Patricia» — Secção: «As Anthologias», Ed. da «Empreza do Diário de Notícias», Lisboa, 1924, pags. innumeradas.

¹⁶ Ibid., obr. cit., pags. innumeradas.

¹⁷ *História da Literatura Portuguesa: Ilustrada: dos Séc. XIX e XX*, pag. 207.

¹⁸ Obr. cit., ibid, pag. 207.

Este, comentamos nós agóra, é na verdade admiravel. Senão vejamos:

AROMATOLOGRAFIA

Se alguma vez tentasse, ó minha amada!
Na téla desenhar o teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir — bucolico Dirceu —
À neve, à rosa, ao lirio, a tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,
O ébano, o marfim, o sol, o azul do ceu
Nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarceu,
Flama alongada em lago, onde a minha alma nada!

Perfumes na paleta, em verde tintas, pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo,
Nessa boca a mordente escalonia; e no olhar,**

A magnolia, que lembra um antartico mar;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras comas.

Tal foi a magnífica mensagem lirica do poeta parnasiano vila-realense que se chamou Manuel Duarte de Almeida.

Traçou-lhe magistral e notavelmente o sucinto perfil, o eminente critico literário que foi Albino Forjaz de Sampaio. Deixemos por isso que ele; muito melhor do que nós o poderíamos ou saberíamos fazer; resuma em breves periodos as excelsas qualidades pessoais e literárias deste trasmontano illustre, o mais destacado e inspirado cultor das musas que Vila Real viu nascer no decurso dos seus já quasi decorridos sete séculos de história,

** Em *Terra e Azul* lê-se “Nos lábios a mordente escalonia; no olhar”.

patrocinada e fomentada nos seus primórdios, sob os auspícios dum cultíssimo e régio poeta, el rei D. Dinis, o nosso maior e mais celebre trovador à maneira provençal, que algum dia, no alvorecer da urbe trasmontana, assim, por exemplo cantava:

Ai flores, ai flores do verde pinho,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?¹⁹

Escutemos portanto o autorizado testamento do competentíssimo e douto director da «*História da Literatura Portuguesa: Ilustrada: dos Séculos XIX e XX*»: «*Manuel Duarte de Almeida (1844-1914). — Manuel Duarte, desprendido dos bens terrenos, amado dos poetas, louvado por Camilo, Alexandre da Conceição, Joaquim de Araujo, Alberto Pimentel, Silva Pinto e tantos outros, é, como António Feijó, um dos verdadeiros grandes poetas do seu tempo. João Penha apostrofou de divino o seu soneto «Aromatografia». Ricardo Jorge faz ao poeta e à sua obra os mais calorosos elogios. João de Deus confiou-lhe a revisão dos seus versos. Manuel Duarte era irmão de Custódio Duarte a quem Camilo e Guilherme Braga dedicaram elogios que só se dedicam a quem os merece. Antero manteve com ele relações da mais absoluta simpatia e admiração. Poeta lírico do maior esplendor, foi também poeta épico da maior pujança.*»²⁰

Acrescentaremos que ainda outros escritores e criticos se referiram elogiosamente à obra poética de Manuel Duarte de Almeida, como Luiz Botelho, Joaquim A. Gonçalves, D. Alberto Bramão e alguns mais.

Mendes dos Remédios; o antigo, erudito e douto professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras de Coimbra;

¹⁹ Mendes dos Remédios — *História da Literatura Portuguesa*, 5ª Ed., Lumen, Lisboa 1921, pag. 61.

²⁰ Obr. cit., pag. 206.

também não regateia encómios ao lirico e parnasiano vate vila-realense, acerca do qual nomeadamente escreveu: — «é dos nossos poetas mais ilustres. As suas *«Estâncias ao Infante D. Henrique»* manifestam uma ardente fé patriótica. E se a sua musa respira elevação deante do grande vulto histórico que canta, não é menos sentida deante de pequeninos têmes como na *«Elegia panteísta a uma mosca morta»*, ou na *«Terra e Azul»*, coleção de poesias de vários géneros. Rigoroso na tecnica do verso, conhecia-lhe bem os segredos, e por isso tinha autoridade entre os seus contemporâneos, confiando-lhe, por ex., *João de Deus a revisão das suas composições»*.²¹

Consagrado por tão unânime coro de louvores, faleceu Manuel Duarte de Almeida em Janeiro de 1914. Era um velho de nobre e simpática fisionomia, com bigode e pera branca; segundo a pequena e única fotografatura que d'ele conhecemos;²² revelando ainda nas linhas regulares e puras do seu perfil, aqueles raros traços de beleza física de sua mãe D. Antónia Emilia Guedes, conforme o testemunho admirativo de Camilo, seu comparte na vida social vila-realense dos meados do século XIX, como já assinalámos.

Morreu precisamente a tempo, com os seus setenta anos de idade, para já não ver começar a ruir fragorosamente, poucos meses mais tarde em Agosto de 1914, o mundo humaníssimo, idealista e romantico, em que nascera, formara a sua mentalidade e brilhara fulgurantemente, mercê do esplendor do seu lirismo e da perfeição modelar, parnasiana, das suas rimas.

Porque com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que ia encher o universo de ruínas, de desolação e de sangue, começava a rápida agonia dos ideais e mitos do seu tempo, *«La belle époque»*, como a crismaram os franceses...

²¹ *Historia da Literatura Portuguesa*, 5.^a Ed., Lumen, Lisboa, 1921, pag. 548.

²² Medalhão, publicado no n.º 12 (Dezembro de 1908) da *Ilustração Trasmontana*, no quadro dos colaboradores desta revista, comemorativo do primeiro aniversário da sua publicação.

